

Trabalho Acadêmico – Diagnóstico por Imagem

Veterinária Universidade Salgado Filho

SÍNDROME DA CAUDA EQUINA EM CÃO

Áurea de Fátima Carvalho¹, Naianne Stephane Barbosa Vieira², Nathália das Graças Dorneles Coelho³

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira de Belo Horizonte – Universo BH – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: nathalia.coelho@bh.universo.edu.br

²Discente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira de Belo Horizonte – Universo BH – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: naianneestephane@yahoo.com.br

⁴ Docente no Curso de Medicina Veterinária – Universidade Salgado de Oliveira de Belo Horizonte – Universo BH – Belo Horizonte/MG – Brasil – *Contato: nathalia.coelho@bh.universo.edu.br

INTRODUÇÃO

A síndrome da cauda equina é uma doença comum da região lombossacral de cães. Essa nomenclatura é um termo inespecífico porque qualquer doença lombossacral pode apresentar-se com os mesmos sinais clínicos da síndrome da cauda equina. A tendência atual é usar o termo estenose lombossacral ou estenose lombossacral degenerativa como a denominação da doença.

METODOLOGIA

Para realização do presente trabalho foi realizada uma revisão de literatura em artigos e livros acerca do tema. Como palavras chaves empregaram-se: síndrome da cauda equina, estenose lombossacral, cão.

RESUMO DO TEMA

A síndrome da cauda equina é uma anormalidade na região da sétima vértebra lombar e primeira sacral, que causam compressão de uma porção da medula espinhal denominada a cauda equina. Esta anormalidade pode ser devida a enfermidades degenerativas, anomalias congênitas, traumas, enfermidades infecciosas, isquemias e neoplasias.

Os sinais clínicos são dor ou hiperestesia lombar ou lombossacral. A hiperestesia pode se manifestar de várias formas. Alguns pacientes exibem desconforto evidente ao se levantar ou se sentar. Outros podem se mostrar relutantes em pular, saltar ou subir escadas. Pode haver claudicação uni ou bilateral dos membros pélvicos.

O diagnóstico de estenose lombossacral degenerativa é feito com base nos achados históricos e clínicos do animal e nos resultados das técnicas de diagnóstico por imagem da região lombossacral (radiografia).

As radiografias simples da coluna vertebral são geralmente indicadas quando há suspeita de doença focal ou multifocal da medula espinhal e de uma raiz nervosa. O animal deve ser anestesiado sempre que possível, para que a coluna vertebral possa ser estendida e mantida em linha reta.

As radiografias devem ser feitas por segmentos vertebrais. Uma série espinhal completa geralmente consiste de cinco a seis chapas laterais e cinco a seis ventrodorsais da região lombossacral. No exame radiográfico são utilizados as incidências radiográficas ventro-dorsal e lateral (normal, flexionada, e estendida com os membros tracionados para trás), para verificar instabilidade. Pode ocorrer compressão da cauda equina sem que exista anormalidades visíveis no exame radiográfico simples, nestes casos deve-se utilizar os métodos de exame radiográfico contrastado.

Os aspectos radiográficos podem ser diminuição do diâmetro do canal e protrusões de discos intervertebrais, deformidades ósseas, observa-se espondilose deformante e esclerose de placas terminais vertebrais. O tratamento pode ser não cirúrgico ou cirúrgico. As decisões terapêuticas baseiam-se principalmente na gravidade dos sinais clínicos, na idade do paciente e na presença de doenças concomitantes.

A terapia não cirúrgica consiste no repouso forçado por algumas semanas, seguido por um período de caminhadas ou passeios curtos e regulares para manter a massa muscular. Além disso, é recomendável o uso de medicação anti-inflamatória não esteroides ou prednisona, mas não ambos e de analgésicos (p. ex., gabapentina), bem como a redução do peso corporal

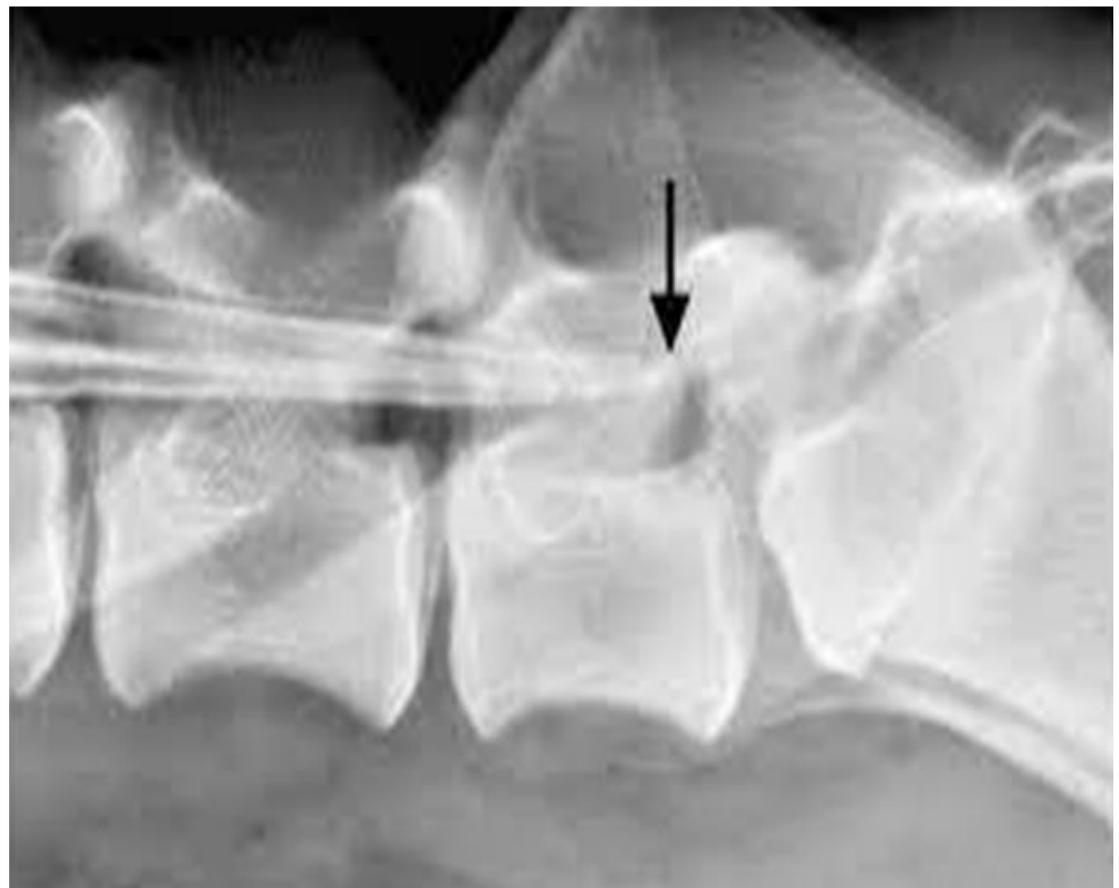


Figura 1: Incidência Látero-Lateral da lombossacral de cão, evidenciando a estenose lombossacral. Fonte: <https://petfisio.com.br/wp-content/uploads/2019/06/caudaequina3.png>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A síndrome de cauda equina, por ser uma afecção com diversas etiologias e sinais clínicos, exige um bom conhecimento anatômico da região lombossacral, incluindo vértebras, medula espinhal e nervos periféricos. Os exames de imagem são de extrema importância para a confirmação do local exato da lesão, e os animais corretamente diagnosticados e tratados, tanto clinicamente quanto cirurgicamente, têm alto índice de recuperação, desde que o tratamento seja realizado em tempo hábil e os sinais clínicos não estejam agravados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dewey CW, da Costa, RC. Distúrbios da cauda equina. In: Dewey CW, da Costa RC. Neurologia Canina e Felina – guia prático. Editora Guará, 2017.

FOSSUM, TW Cirurgia de Pequenos Animais. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 1426-1430, 2021.

http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2008/Artigos/Medicina_Vet/007-INCIDE.pdf

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/95098/000917572.pdf?sequence=1&isAllowed=y>